

## **NUESTRO TIEMPO: A ORIGEM DE LA SOCIEDAD CULTURAL E OUTROS EPISÓDIOS DA HISTÓRIA CULTURAL CUBANA.**

BARTHON FAVATTO SUZANO JUNIOR.\*

Com o triunfo da Revolução Cubana, ocorrido em 1º de janeiro de 1959, teve início em Cuba uma nova etapa histórica, marcada por profundas e consistentes transformações em diversos campos, dentre os quais, o da Cultura. Não por acaso, uma das primeiras ações do novo governo fora a criação do ICAIC (*Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos*), em março de 1959, também considerado como “a primeira realização do governo revolucionário no campo cultural” (VILLAÇA, 2010: 21). Portanto, não é exagero afirmar que na Cuba pós 1959, a Cultura desempenhou papel crucial. Ora como motriz da formação e consolidação de uma consciência revolucionária, ora como agente fundamental de divulgação dentro e fora da ilha dos avanços logrados pela revolução, bem como da imagem de suas principais lideranças.

Contudo, não é sobre a política cultural revolucionária ou o afunilamento da mesma já no início da década de sessenta que versa este texto. O objetivo aqui é o de mapear um momento anterior, calcificado no alvorecer dos anos cinquenta, cujo ambiente propiciou a formação em Havana de uma sociedade cultural que, bem antes da Revolução Cubana e da efervescência cultural por ela alimentada, projetou alguns dos mais notáveis intelectuais e artistas cubanos, muitos deles futuramente envolvidos no projeto revolucionário. Trata-se da *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo* – a partir de agora, somente, SCNT, ponto de partida no itinerário de expoentes da cultura contemporânea de Cuba, tais como, Guillermo Cabrera Infante, Carlos Franqui, Harold Gramatges, Pablo Armando Fernández, Santiago Alvarez, Tomás Gutiérrez Alea, Alfredo Guevara, Júlio García Espinosa, entre outros.

Ao tecer esse mapeamento da origem da SCNT como etapa da pesquisa em andamento, buscou-se ressaltar a formação ainda que embrionária de uma *intelligentsia* nacional orgânica – no sentido gramsciano do termo<sup>1</sup> - em Cuba nos anos que antecederam a Revolução Cubana (1956-1959) e até mesmo o Assalto ao Quartel Moncada (1953), e, que, de modo ou outro, participou ativamente do processo revolucionário, seja por meio de apoio logístico e preenchimento dos quadros do Movimento 26 de Julho (M26-7), seja pela criação

---

\* Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Campus de Assis. Mestrando em História e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). bfavatto@gmail.com

<sup>1</sup> Consultar: GRAMSCI, 1981: 7-24.

de células culturais como o Jornal *Revolución* – porta-voz oficial do Exército Rebelde, e, por conseguinte, do próprio M26-7. É importante frisar que, no caso do Jornal *Revolución*, este veículo de comunicação fora criado pelo jornalista Carlos Franqui, em 1956, durante a luta dos rebeldes contra a ditadura de Fulgêncio Batista e que, até o triunfo da Revolução Cubana, sua publicação operou de modo clandestino e sua distribuição manteve-se restrita aos territórios ocupados pelos guerrilheiros (MISKULIN, 2003: 38).

Apesar de arrolada ou mesmo instada em inúmeras bibliografias a importância da SCNT, sua história ainda nos é um tanto quanto obscura, pois, sobre quase uma década de existência dessa entidade (1951-1960) encontramos somente breves, espaçados e descontraídos fragmentos que relatam os pormenores das atividades por ela encampadas em artigos ou livros de memórias escritos e publicados por ex-membros daquele corpo cultural. Dificuldade maior, porém, se apresenta à tentativa de revolver sua origem, ou, os aspectos que fundamentaram a primeira versão dessa sociedade cultural, haja vista que, fundada em 1951, houve em 1954 uma reformulação oficial de seus quadros diretivos, demarcada pela confecção de uma nova revista, da qual as causas e interstícios o presente texto suporta. Dessa maneira, a tarefa nesse estágio da pesquisa fora recolher, crivar e inflectir sobre e a partir desse escasso material, boa parte comportado por relatos e memórias, a fim de elaborar um panorama do primeiro tempo da SCNT, calcificado no ano 1951, com a publicação de apenas um exemplar da revista cultural de mesmo nome.

Da fundação ao encerramento de suas atividades, a SCNT articulou como um espaço de promoção e discussão não somente das artes em geral, mas também de questões relativas à conjuntura política de Cuba (VILLAÇA, 2010: 44). Em suas sessões, jovens e até então quase anônimos cineastas, artistas plásticos, músicos e intelectuais organizavam sarais, debates, exposições de arte, exibições de concertos e cines, dentre outras atividades, umas mais, outras menos subversivas, haja vista que durante boa parte do período de existência da SCNT, Cuba viveu sob o signo sombrio da ditadura e, por conseguinte, dos censores de Fulgêncio Batista y Zaldívar (1952-1959). Mas, tratar da origem da SCNT e ressaltar sua importância para o desenvolvimento cultural de Cuba é antes de tudo ter de brevemente resgatar a trajetória de dois de seus principais fundadores e colaboradores, Carlos Franqui (1921-2010) e Guillermo Cabrera Infante (1929-2005).

Oriundos do interior de Cuba, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante se conheceram em Havana, ambos migrantes, por volta do início da década de quarenta, na residência dos Cabrera Infante, alocada em um solar da Rua Zulueta 408. À época, Carlos Franqui e o pai de Guillermo Cabrera Infante pertenciam aos quadros do Partido Socialista

Popular (então, *Unión Revolucionaria*)<sup>2</sup>, pois, nada mais natural que cedo ou tarde os dois se encontrassem. Ocorre que, mais importante do que esse encontro, que marcaria a vida dos dois intelectuais, selando um laço de amizade que transcendeu a amarga experiência do exílio<sup>3</sup>, é verificar a importância simbólica para os dois autores – e veremos que também para outros intelectuais – desse solar situado à Zulueta 408, *Habana Vieja*, que, segundo o próprio Cabrera Infante, abrigou sua família por uma década (1941-1951) (CABRERA INFANTE, 1996: 122). Aliás, é possível afirmar que alguns dos artistas e intelectuais que edificaram a Cultura da Revolução frequentaram o casario em questão. Por isso, e, sem exageros, pode-se dizer que as caudalosas raízes que gestaria a *terceira geração* de intelectuais cubanos se encontram fincadas naquele solar<sup>4</sup>.

Recentemente, em artigo organizado por Elizabeth Mirabal Llorens e Carlos Velazco, intitulado *(Per)versiones de Guillermo Cabrera Infante*, e, publicado pela *Gaceta de Cuba* sob chancela da editora da *Unión Nacional de Escritores y Artistas de Cuba* (Uneac), o poeta Pablo Armando Fernández relatou:

*Conocí a todo el mundo literario cubano de mi generación en casa de Cabrera Infante. A Guillermito lo vi por primera vez en 1948 en el solar de Zulueta y hasta el 65 nunca dejé de hacerlo. Un día estábamos en su casa, Zoila me llama: “Armandito, ven acá, prueba eso que estoy haciendo para que te quedes a almorzar” y Manila Hartman, de visita allí, me pregunto por que me llamaban “Armando”. Le explique, y entonces dijo: “Te llamas Pablo Armando Fernández”, y desde entonces casi todo el mundo me une los dos nombres. También fue Guillermito quien estableció que yo había nacido en 1930, una fecha que se me ha quedado hasta en los libros publicados fuera de Cuba. (GACETA DE CUBA, 2010: 36; grifos do autor)*

Algo semelhante descreveu Marta Amelia Calvo, primeira esposa de Guillermo Cabrera Infante (1953-1958) e com quem o escritor teve duas filhas, Ana e Carola:

<sup>2</sup> Fundado em 1925, sob o nome de Partido Comunista Cubano, o Partido Socialista Popular permaneceu na clandestinidade até 1939, quando, por meio de um acordo entre seus dirigentes e Fulgêncio Batista, fora colocado na legalidade sob o nome de *Unión Revolucionaria*, e, posteriormente, PSP (1944). Com o reconhecimento de 1939, o partido pode então criar um tentáculo midiático, o Jornal *Hoy*, que passou a ser chefiado e editado por Joaquín Ordoqui. Cf. GOTT, 2006: 167.

<sup>3</sup> Apesar de apoiarem a luta revolucionária em Cuba e de ocuparem posições culturais e institucionais de destaque nos primeiros anos após o triunfo da Revolução Cubana, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante romperam com o regime de Fidel Castro na década de 1960 e partiram para o exílio. Guillermo em 1965, primeiro para Espanha, e, depois para a Inglaterra, aonde veio a falecer em 2005. E, Carlos, em 1968, primeiro para a Itália, e, posteriormente, para Porto Rico, aonde veio falecer ano passado. As causas e interstícios do rompimento de ambos com o regime castrista configuram como objetos da pesquisa em andamento.

<sup>4</sup> A nomenclatura “terceira geração” fora utilizada por Rafael Rojas a fim de designar a geração de intelectuais nacionalistas da década de 1950, reunidos na *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo* e na Revista *Ciclón*. A referência à terceira geração deve-se à participação de três gerações de intelectuais na Revolução Cubana: a primeira geração composta pelos comunistas e reformistas oriundos da década de 1930; a segunda, dos expoentes nacionalistas da década de 1940; e, a terceira, a dos jovens nacionalistas. Cf. ROJAS, 2007: 74.

*No quisiera desmentir a mi hermana Gloria cuando dice que me llevó a casa de Guillermito porque le interesaba que encontrara pareja en el mundo intelectual, pero tengo que hacerlo, porque los hechos no ocurrieran así. Ella estaba enamorada de Juan Blanco y sabía que él frecuentaba el cuarto del edificio de Zulueta 408 donde vivían los Cabrera Infante. Músicos, gente de teatro, visitaban ese cuarto para disfrutar de la hospitalidad de Zoila y conversar. Me llevó para que la acompañara, pues quizá le resultaba difícil aparecerse sola. (...) Todavía era pupila en la escuela de monjas donde me internaran a los diez años, después de la muerte de mi madre. Apenas conocía la vida tal como era en realidad, así que todas aquellas personas, aunque muy agradables y cultas, para mí eran como de otra galaxia. Les diré que ese día de un sopetón conocí a Carlos Franqui, Agustín Tamargo, Rine Leal, Sabá y Guillermito. (GACETA DE CUBA, 2010: 38)*

A descrição de Marta Calvo nos brinda com uma breve, porém, importante visão do universo de frequentadores do solar da Zulueta 408. Com ela, compreende-se a magnitude da circularidade intelectual que protagonizava a casa dos Cabrera Infante. Claro que muitos desses intelectuais não tinham galgado no findar da década de quarenta os holofotes da cena cultural de Cuba. Todavia, logo, a partir da década seguinte, alguns deles iniciariam uma escalada da qual não haveria retorno. Do relato de Marta é possível identificar alguns desses futuros expoentes. Agustín Tamargo, por exemplo, atuou como jornalista de *Hoy* (órgão noticioso do Partido Socialista Popular) ao lado de Carlos Franqui e notabilizou-se pelos ácidos textos contra a ditadura de Fulgêncio Batista, o que lhe custou o exílio, retornando a Cuba somente com o triunfo da Revolução. Morreu como exilado de Fidel Castro em Miami. Já Rine Leal, além de membro e fundador da SCNT, ao lado de Harold Gramatges, Cabrera Infante, Carlos Franqui e outros, tornou-se crítico e teatrólogo, atuando como tesoureiro na primeira *Cinmateca de Cuba* e colaborador de diversos periódicos, como *Ciclón*, *Carteles*, *Bohemia*, *Lunes de Revolución*<sup>5</sup> e *Unión*. E, por fim, porém não menos importante, Sabá Cabrera Infante, irmão de Guillermo, que, durante parte da adolescência atuou como pintor, e, na juventude, como cineasta.

Fora justamente no solar da Zulueta 408 que surgiu a ideia que, pouco tempo mais tarde, tornar-se-ia a primeira versão da SCNT. Segundo, Carlos Franqui: “de aquel cuarto nacieran muchos sueños y se hicieran realidad muchos proyectos (...) allí nació la Sociedad Nuestro Tiempo, allí se forjó la que sería después la generación de Lunes de Revolución” (FRANQUI, 2006: 145). No entanto, a primeira versão da SCNT fora fruto de uma anterior e malograda tentativa grupo reunido em torno de Carlos Franqui de conceber um espaço de

<sup>5</sup> *Lunes de Revolución* surgiu como encarte cultural do Jornal *Revolución* em 23 de março de 1959, tendo como diretores Guillermo Cabrera Infante e Pablo Armando Fernández. Dentre suas diretrizes, articulava o propósito de tornar a cultura universal acessível à população de Cuba, divulgando autores e artistas estrangeiros e cubanos. O suplemento teve suas atividades encerradas em 1961 por ocasião dos editoriais que entravam em choque com as diretrizes da política cultural do governo revolucionário. Cf. MISKULIN, 2003.

discussão e troca de ideias. Esse projeto anterior à SCNT ganhou o nome de *Nueva Generación* e chegou a desenvolver e publicar dois números de uma revista de mesmo nome, tal como indica o relato de Cabrera Infante:

*Antes tenho que mencionar, brevemente, a revista literária fundada e editada por mim e vários amigos meus, alguns dos quais meus colegas de escola na época. A ideia da revista partiu de Carlos Franqui, e quase foi adiante: não durou mais de quatro números, depois do que perdeu-se em completo esquecimento, maior que o olvido literário, mas não pior. Logo a seguir Franqui inventou um sucedâneo mais ambicioso: uma espécie de sociedade artística e literária (com as mesmas intenções da revista, com idêntica pretensão e quase com o mesmo nome, que era Nueva Generación). Nessa sociedade chamada Nuestro Tiempo é que nos reuníamos muitos aprendizes de intelectual, escritor, artista, músico e até de espectador. (CABRERA INFANTE, 1987: 101)*

No fragmento, percebe-se claramente a distinção e as aproximações que Cabrera Infante tece em relação aos dois projetos. Apesar de menos ambicioso e até mesmo pueril, na visão de Cabrera Infante o primeiro projeto, *Nueva Generación*, estruturou as bases que norteariam as diretrizes de *Nuestro Tiempo*. E, de fato, isso parece mesmo fazer alguma correspondência. Afinal, na primeira e única edição da Revista *Nuestro Tiempo*, publicada em 1951, os editores, entre os quais, o próprio Guillermo Cabrera Infante, expressam em um manifesto assinado por mais de trinta artistas e intelectuais a preocupação de fomentar um projeto cultural composto basicamente por uma inquieta juventude de artistas e intelectuais cujo objetivo maior era o de inaugurar e demarcar um novo ciclo da cultura cubana, aberto às discussões e ao acesso livre do povo à cultura, numa clara tentativa de denunciar o elitismo, o corporativismo e a imobilidade dos intelectuais cubanos de renome à época. Uma *nueva generación para nuestro tiempo*:

*El afán creador implícito en el hombre, al tomar en nuestro medio la suficiente fuerza de presencia, ha motivado que concentremos nuestros esfuerzos para hacer realidad lo que como nueva generación cubana creemos deber histórico: la preservación de los valores logrados y la divulgación de aquellos que apuntan su importancia vital. Nuestra estética es la de un arte americano, libre de prejuicios políticos o religiosos, enaltecido por encima de concesiones, que sea síntesis de lo que estimamos vigente y permanente en América. No nos interesan ni la oscuridad muerta ni la endeblez académica, sino una estética tan infinita como el hombre mismo. Surgimos para traer el pueblo la arte, acercándolo a las inquietudes estéticas y culturales de nuestro tiempo, precisamente ahora en que, intuyendo ya estas realidades, demanda un vehículo que le permita palparlas y assimilarlas para su rápida formación y madurez cultural. Para desarrollar esta labor, mantendremos un centro de arte y cultura permanente, que ofrecerá teatro, música, cine, ballet, exposiciones de artes plásticas, conferencias, y editará las manifestaciones literarias, poéticas y filosóficas que produzca nuestra generación. Somos la voz de una nueva generación que surge en un momento en que la violencia, la desesperación y la muerte quieren tomarse como únicas soluciones. Nos definimos*

*por el hombre, que nunca está en crisis, y por su obra, que es su esencia permanente. (NUESTRO TIEMPO)*

Contudo, o afã inovador do grupo não fora capaz de superar uma querela já enraizada que, inevitavelmente, dividiu os membros e selou o destino da versão embrionária de *Nuestro Tiempo*. A chave dessa querela encontra-se fixada em época anterior à criação da SCNT, no rompimento de Carlos Franqui com o Partido Socialista Popular, ocorrido em 1946. As razões que o levaram a romper com o Partido são inúmeras, quase todas provenientes de conflitos profissionais e pessoais com os editores do Jornal *Hoy*, órgão em que atuou como jornalista, e, com os dirigentes do PSP. O último desses conflitos ocorreu quando *Hoy* publicou um artigo ressaltando a guinada progressista da ditadura de Rafael Leônidas Trujillo na República Dominicana, que havia recém liberado o retorno dos exilados comunistas ao país. Mas, para Franqui a publicação do artigo em *Hoy* indicava mais uma manobra tática do PSP, que, à época, buscava fortalecer sua relação com Fulgêncio Batista, e, que, por sua vez, almejava estreitar as relações comerciais e políticas de Cuba com a República Dominicana.

O rompimento de Carlos Franqui com o Partido Socialista Popular ilustra como pano de fundo o fatídico episódio que, em 1951, justificaria a cisão do grupo fundador da SCNT. Isso porque quando da fundação e do lançamento de *Nuestro Tiempo*, o manifesto assinado por seus membros fora enfático ao definir uma das diretrizes do movimento como “livre de prejuízos políticos”, o que significa a aceitação da pluralidade de opiniões políticas dentro do SCNT desde que, na interpretação de Franqui, não diretamente vinculadas a este ou aquele partido:

*Nuestro Tiempo seria un movimiento de vanguardia artístico y cultural, que haría remover las aguas muertas y a veces podridas de la vieja generación; en el orden social sería progresista, pero no estaría vinculado a partido alguno, no sería sectario. (FRANQUI, 2006: 146)*

Mesmo assim, dois dos membros da formação embrionária de *Nuestro Tiempo* parecem que não entenderam o conteúdo da mensagem da mesma maneira que Franqui:

*Teníamos un amigo músico, Harold Gramatges, al que admirábamos además como pianista y compositor, con mayor edad y prestigio, hablábamos con él siempre de música, de poesía o de teatro, no le oíamos nunca una palabra de política. Era, pensábamos, la figura indicada para ser presidente de la joven sociedad. Cabrera Infante y yo lo propusimos y todos aceptarían. Se necesitaba un secretario y alguien dijo que debía ser un abogado, y como tal era Juan Blanco, músico y amigo, fue nombrado para ese cargo. (...) Poco después, sin que se hablara o se discutiera, nos enteramos por los periódicos que nuestros presidente y secretario se habían ido para el Festival Mundial de la Juventud Comunista, que se celebró aquel año en*

*Viena, allí, sin nuestro consentimiento, nos representaban. Era una traición que nos indignó.* (FRANQUI, 2006: 146)

Para Franqui e parte dos demais membros reunidos na organização da versão inicial de *Nuestro Tiempo*, dentre eles, Guillermo Cabrera Infante, a ida de Juan Blanco e Harold Gramatges ao *Festival Mundial de la Juventud Comunista*, ainda mais auto investidos como representantes de uma equipe que se conclamava livre de amarras partidárias, representou não somente um desrespeito ao que fora acordado em manifesto, como também indicou – principalmente para Franqui – que de um modo ou de outro o Partido Socialista Popular estava tentando se infiltrar nas atividades do grupo, utilizando Gramatges e Blanco, a fim de, primeiro, minar o projeto inicial, para depois, dominá-lo, dando a impressão de que a ideia e o sucesso da empreitada foram fomentados pelo partido. Tal desconfiança de Franqui se ancorava em outra desconfiança: a de que o Partido Socialista Popular também estava por detrás do episódio que propiciou à SCNT adquirir uma sede própria, haja vista que, inicialmente, as reuniões do grupo eram realizadas nas dependências do Conservatório de Havana.

*Nos prestaran un local en la calle Reina, que resultó ser una trampa mortal, pues detrás estaba el Partido Socialista Popular. Había estado allí la emisora de radio Mil Diez, que el presidente Prío había clausurado, al tener un conflicto con los comunistas. Llegamos a través de un tenor español, amigo de algunos amigos, que nos ofreció el local.* (FRANQUI, 2006: 145-146)

O episódio da ida de Gramatges e Blanco a Viena refletiu na saída de Carlos Franqui, de Guillermo Cabrera Infante e de outros membros da *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo*, bem como no encerramento da confecção da primeira versão da revista. Todavia, as atividades culturais de SCNT não foram interrompidas. Em abril 1954, sob a direção de Harold Gramatges e a administração de Juan Blanco, a *Sociedad Cultural* publica a primeira edição da nova revista, que circulou até o encerramento definitivo das atividades da SCNT, em 1960. Na versão do *Instituto Cubano del Libro*, desde a fundação, quando Franqui e Cabrera Infante ainda atuavam, a SCNT já se encontrava a cargo de *la Juventud Socialista, bajo la atención directa de su presidente Luis Más Martín* (NUESTRO TIEMPO). O que configura como exagero, tendo em vista as discordâncias entre Franqui e os socialistas do PSP, inclusive, em relação à célula juvenil do partido.

Devido à escassez de material sobre a origem da SCNT no Brasil é impossível determinar na atual etapa da pesquisa os contornos reais desse conflito. No entanto, o resgate

mesmo que breve do itinerário de formação da sociedade cultural abre caminho para a compreensão da dimensão dos embates intelectuais e seus desdobramentos culturais e políticos ocorridos em Cuba durante e após a Revolução Cubana, configurado basicamente pela disputa entre os intelectuais nacionalistas, grupo do qual pertenceu Carlos Franqui e demais membros do M-26/7, e, os intelectuais comunistas, oriundos do PSP, tais como, Carlos Rafael Rodriguez, Blas Roca, Mirta Aguirre e Juan Marinello (ROJAS, 2007: 77).

Por fim, é válido lembrar que a dimensão dessa disputa refletiu consideravelmente no posicionamento que cada um dos grupos tomou frente à condução da luta revolucionária durante a fase insurrecional da Revolução Cubana (1953-1958). Pois, enquanto os intelectuais nacionalistas apoiaram o modo como a luta capitaneada por Fidel Castro era conduzida, os intelectuais comunistas, encaravam o movimento como golpista e pequeno-burguês (MÁO JR., 2007: 322). De maneira análoga, o estudo desse gérmen de conflito intelectual na Cuba da década de 1950, encarnado boa parte na raiz formativa da SCNT, permite aos historiadores e demais pesquisadores entender as razões que, tanto no campo da política quanto da cultura, abriram caminho durante a década de 1960 para o direcionamento pelo governo revolucionário da política cultural em Cuba. Pois, ciente da existência de tais conflitos entre os intelectuais nacionalistas capitaneados por Carlos Franqui e os intelectuais comunistas, reunidos pelo PSP, ambas as células já representadas na origem da SCNT, o governo revolucionário se utilizou de tais conflitos em benefício próprio, a fim de acelerar o processo de consolidação do novo regime em Cuba. Discussão esta que analisaremos na próxima etapa da pesquisa.

## Referências Bibliográficas

### Fontes:

CABRERA INFANTE, Guillermo. *Havana para um Infante Defunto*. Trad. de João Silvério Trevisan. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. *Mea Cuba*. Barcelona: Plaza & Janés/Cambio 16, 1993.

FRANQUI, Carlos. *Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad? Memorias de un fantasma socialista*. Barcelona: Península, 2006.

GACETA DE CUBA. La Habana, nº 02, marzo-abril de 2010.

NUESTRO TIEMPO. Editorial. La Habana: 1951. Documento eletrônico disponível em: [www.cubaliteraria.cu/monografia/sociedad\\_nuestro\\_tiempo](http://www.cubaliteraria.cu/monografia/sociedad_nuestro_tiempo). Acesso em: 05 de janeiro de 2011.

### Bibliografia:

GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

LÖWY, Michael. *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. Trad. de Cláudia Schilling e Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

MÁO JR., José Rodrigues. *A Revolução Cubana e a Questão Nacional (1868-1963)*. São Paulo: Ed. do Autor, 2007.

MISKULIN, Sílvia Cezar. *Cultura Ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1961-1975)*. Prefácio de Maria Lígia Coelho Prado. São Paulo: Xamã, 2003.

ROJAS, Rafael. *Anatomia do Entusiasmo: cultura e revolução em Cuba (1959-1971)*. In: TEMPO SOCIAL. Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo, vol. 19, nº 01, p. 71-88. São Paulo: 2007.

VILLAÇA, Mariana Martins. *Cinema Cubano: revolução e política cultural*. São Paulo: Alameda, 2010.